



## A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR

Juliana Bello da Silva<sup>1</sup>  
Adriana Cristina Kozelski<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de conhecer como acontece a inclusão do aluno com Transtorno de Espectro Autista no Ensino Regular. O Transtorno do Espectro Autista por apresentar diversas dificuldades do desenvolvimento humano, necessita do trabalho comprometido de todos os profissionais envolvidos com a educação e principalmente da dedicação e empenho dos seus familiares. A escola inclusiva é um importante fator para o relacionamento social e desenvolvimento das habilidades de todos os educandos que contemplam a mesma. Diante disso nos questionamos, quais as dificuldades enfrentadas tanto pelo aluno, quanto pelo professor de apoio e as metodologias usadas pelo professor para incluir o aluno na sala. Como que acontece a inclusão desse aluno, e como incide a atuação do professor AEE na sala de aula. Para o alcance dos resultados, buscou-se apoio em pesquisas bibliográficas sobre as características do autista, metodologias utilizadas para que o aluno aprenda e interaja socialmente com a turma. Através da pesquisa de campo, constatou-se a necessidade de o aluno ter um professor de apoio em sala de aula, sendo que o mesmo transmite segurança ao aluno, pois ele é uma ponte para que a aprendizagem aconteça, e também a importância da relação família e escola como fator necessário para a inclusão de tais alunos.

**Palavras-chave:** Autista. Inclusão. Professor de Apoio. Escola. Família

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ampere- FAMPER

<sup>2</sup> Mestre em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC/PR - Professora da Faculdade de Ampere-FAMPER

## INTRODUÇÃO

A Inclusão do estudante com Transtorno de Espectro Autista na escola regular vem sendo discutida nos meios educacionais, devido os crescentes casos constatados de crianças autistas nas últimas décadas. O presente trabalho tem como objetivo compreender como o professor trabalha com o aluno autista no ensino regular.

Neste sentido, busca-se conhecer como desenvolve-se o processo de ensino com o aluno com Transtorno de Espectro Autista na escola regular, entender quem é o sujeito com Transtorno de Espectro Autista, as Leis que lhes amparam, o seu desenvolvimento cognitivo e as metodologias que o professor pode usar para ajudar o aluno a se desenvolver.

Com a realização do referente estudo, conheceu-se um pouco do trabalho desenvolvido pelo professor com dados importantes sobre o aluno com transtorno de espectro autista no ensino regular, que irá contribuir para a formação acadêmica de futuros profissionais docentes. Com a pesquisa de campo, em uma escola regular que atende o estudante com transtorno de espectro autista, pode-se conhecer e identificar quais são as metodologias usadas e as dificuldades enfrentadas pelo docente para trabalhar com esses alunos.

O transtorno não possui cura e suas causas ainda são incertas, porém ele pode ser trabalhado, reabilitado, modificado e tratado para que assim, o estudante possa se adequar ao convívio social e às atividades acadêmicas o melhor possível.

Os pais costumam notar sinais nos primeiros dois anos da vida de seu filho. Estes sinais desenvolvem-se frequentemente e gradualmente, embora algumas crianças com autismo alcancem seus marcos de desenvolvimento em seu ritmo. Os critérios de diagnósticos exigem que os sintomas se tornem aparentes na primeira infância, normalmente antes dos três anos de idade.

Nesta perspectiva, compreender que embora o processo de inclusão dos alunos com transtorno do espectro autista em classes comuns da rede regular de ensino, não seja uma tarefa fácil, é importante buscar avanços na construção de uma prática pedagógica que contemple as especificidades desse público e que, de fato, torne a realidade das escolas um espaço de educação para todos. Caso à caso deve ser avaliado o melhor para o aluno. Essa é uma tarefa desafiadora, mas é importante que cada profissional da educação tenha a plena convicção de seu papel na busca do respeito às diferenças e de uma sociedade mais justa e humana.

Deste modo o trabalho está dividido em duas etapas, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica foi através de leitura de livros e artigo para melhor entendimento

sobre o tema, e a pesquisa de campo se realizou na Escola Estadual Santa Cruz que atende dois alunos autistas, com o intuito de conhecer como acontece a inclusão do aluno com transtorno de Espectro Autista e as dificuldades enfrentadas tanto pelo ele, quanto pelos professores.

## **1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

A história do Transtorno de Espectro Autista, vem sendo estudado a muitas décadas, e foi passando por vários processos históricos na sociedade. Desde então o Autismo vem apresentando evoluções no seu conceito e as diversas formas que ele pode manifestar-se, chegando até mesmo ser confundido com outros transtornos.

A falta de conhecimento sobre o autismo leva a pensamentos errados sobre o seu comportamento, as vezes entendemos que a criança é mimada ou sem limites, e acaba gerando aversão por parte da sociedade.

Então, faz-se necessário um estudo aprofundado sobre o que de fato é o autismo, para que a ausência desse conhecimento não se transforme em indignação pelo indivíduo, mas sim a compreensão de que ele é um ser humano como todos os outros, apenas com dificuldades e comportamentos distintos, devido o transtorno autista.

O Autismo é uma doença incurável, um distúrbio neurológico caracterizado por comprometimento da interação social, comunicação verbal e não-verbal e comportamento restrito e repetitivo. Os sinais geralmente desenvolvem-se gradualmente, mas algumas crianças com autismo alcançam o marco de desenvolvimento em um ritmo normal e depois regredem.

O Autismo, também conhecido como Transtornos de Espectro Autista (TEA), são transtornos que causam problemas no desenvolvimento da linguagem, nos processos de comunicação, na interação e comportamento social da criança. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba síndromes marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico com três características fundamentais, que podem manifestar-se em conjunto ou isoladamente. É uma condição que severamente compromete a capacidade de se comunicar com os outros, de entender acontecimentos compartilhados, de expressar o que sente ou pensa nas mais diversas situações, de usar as palavras de acordo com o contexto e estes atributos atrapalham muito o desenvolvimento global da criança.

Para o autista com distúrbio global do desenvolvimento só não se desenvolverá para o convívio na sociedade se este passar a ver a doença como a única realidade do cidadão.

As pessoas autistas podem ser tão diferentes umas das outras, tão heterogêneas em suas necessidades e competência, que cada caso exige uma adequação específica e muito mais concreta das estratégias e objetivos de tratamento. Os objetivos e procedimentos terapêuticos e educacionais são muitas variáveis, dependendo do comprometimento da pessoa, nas suas diferentes dimensões. (CAMARGOS JR, 2005, p.128).

No entanto o sujeito com transtorno de espectro autista não deve ser visto como alguém que não aprende, mas, como uma pessoa que tem formas diferentes para adquirir o conhecimento, pois, o transtorno de espectro autista é a incapacidade da criança em desenvolver interações sociais normais e uma linguagem comunicativa, são igualmente típicas e de extrema obsessividade, preocupação, perseverança, resistência a mudanças e as ações estereotipadas. Quanto à linguagem, quando chega a desenvolver-se, é caracterizada pela pobreza pragmática e semântica.

Atualmente, a Associação Americana de Psiquiatria relaciona o diagnóstico por meio das características de dois grupos de TEA composta pelo primeiro que é o déficit na interação social e comunicação e o segundo que é os comportamentos e interesses restritos e repetitivos (APA, 2014). Assim:

[...] os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), que incluíam o Autismo, Transtorno desintegrativo da Infância e as Síndromes de Asperger e Rett foram absorvidos por um único diagnóstico, Transtornos do Espectro Autista. A mudança refletiu a visão científica de que aqueles transtornos são na verdade uma mesma condição com gradações em dois grupos de sintomas: déficit na comunicação e interação social; padrão de comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos. Apesar da crítica de alguns clínicos que argumentam que existem diferenças significativas entre os transtornos, a APA entendeu que não há vantagens diagnósticas ou terapêuticas na divisão e observa que a dificuldade em sub classificar o transtorno poderia confundir o clínico dificultando um diagnóstico apropriado (ARAUJO; LOTUFO NETO, 2014, p. 70).

Neste contexto o transtorno de espectro autista é uma dificuldade que o sujeito tem em comunicar-se e interagir com a sociedade, tendo muitas vezes comportamentos restritos e repetitivos, e a APA no meio da dificuldade de sub classificar o transtorno entendeu que não há vantagem diagnósticas ou terapêuticas na divisão, designando- o como transtorno de espectro autista.

O Transtorno de Espectro Autista é um transtorno global do desenvolvimento (TGD), uma alteração que afeta diversas capacidades como a comunicação socialização, e o comportamento do

indivíduo. O autismo é uma desordem do desenvolvimento marcado por inabilidade para interagir socialmente, dificuldade no domínio da linguagem para se comunicar e comportamento restritivo e repetitivo.

Pequenas atitudes já podem ser sinais de autismo, mesmo que não seja uma tarefa fácil, é importante notar algumas atitudes que não tenham a ver com crianças. Alguns sinais se apresentam desde a fase mais dependente, como na fase da amamentação. Há a troca de olhares quando o bebê recebe o leite da mãe, é comum que o filho estabeleça essa comunicação durante o ato. Com o autista pode haver pouco contato visual ou nenhum contato.

Pesquisas atuais, ainda mostram que o autismo é mais comum em meninos do que em meninas, porém é de grande importância a continuidade de tais pesquisas para que seja possível chegar a dados estatísticos referentes ao autismo no Brasil, visto que, os estudos sobre a prevalência que trata do assunto não são tão trabalhados.

O Transtorno do Espectro Autista manifesta-se nos primeiros anos de vida, proveniente de causas ainda desconhecidas, mas com grande contribuição de fatores genéticos. Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes. Tem em seus sintomas incertezas que dificultam, muitas vezes, um diagnóstico precoce (CUNHA, 2014, p.19).

Com predominância em meninos, os sintomas aparecem desde os primeiros meses de vida começam a demonstrar sinais típicos do transtorno, como não corresponde ao contato visual, não olham quando são chamadas. No primeiro ano de vida não apontam com os dedos, demonstram mais interesse nos objetos do que nas pessoas. Desse modo, é necessário conhecer as diversas características apresentadas pelo sujeito autista para assim, saber como intervir, respeitando seu tempo e trabalhando da melhor maneira possível as suas potencialidades, trabalhando para que a segregação do indivíduo seja descartada totalmente.

Os primeiros sinais costumam aparecer a partir de primeiro ano, porém o diagnóstico pode demorar mais. A partir dos três anos de acordo com o quadro clínico, os sintomas variam desde a ausência completa de qualquer contato interpessoal, incapacidade de aprender a falar, incidência de movimentos estereotipados e repetitivos, deficiência mental, não estabelece contato visual com as pessoas nem com o ambiente, consegue falar, mas não usa a fala como ferramenta de comunicação e tem comprometimento da compreensão. O ideal é que antes dos 3 anos consiga diagnosticar, para que se inicie o tratamento rapidamente, a fim de melhorar a linguagem verbal e não verbal.

O grau de comprometimentos é de amplitude variável, sendo destes quadros mais leves, como a Síndrome de Asperger, que não há comprometimento da fala e da inteligência, até formas graves em que o paciente se mostra impossibilitado de manter qualquer tipo de contato interpessoal e é portador de comportamento agressivo e retardo mental. De acordo com a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), de 2013, o Transtorno de Espectro Autista apresenta alguns tipos de autismo: o Autismo Clássico, a Síndrome de Asperger; Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno Autista;

- O autismo clássico é caracterizado por problemas com a comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, geralmente diagnosticado antes dos três anos, tem o desenvolvimento da linguagem atrasada, falta de apontador ou gesticulando, mostrando falta de objetos, e auto estimulação comportamento como balançar ou bater as mãos. (APA, 2014)

- A Síndrome de Asperger é a forma mais leve do espectro autista, não apresentam atraso na linguagem, permanece solitários na hora de realizar atividade e não compartilham suas ideias, e também se interessam demais pelo seu assunto preferido, discuti-lo por horas à fio sem parar. Essa síndrome afeta três vezes mais meninos, e desenvolve uma inteligência acima da média. (APA, 2014)

- O Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, costuma-se à ser um pouco mais grave do que a Síndrome de Asperger, os sintomas variam bastante, o mais comuns são a interação social prejudicada, um atraso no desenvolvimento da linguagem e possuem uma inteligência boa. (APA, 2014)

- O Transtorno Desintegrativo da Infância é a parte mais rara e mais grave do espectro. As crianças se desenvolvem normalmente, mas rapidamente perdem muitas habilidades sociais, de linguagem e habilidades mentais, geralmente entre as idades de 2 e 4 anos. (APA, 2014)

- O Transtorno Autista os indivíduos possuem sintomas mais rígidos, o funcionamento da capacidade social, cognitiva e linguística é bastante afetado, além de possuírem comportamentos repetitivos. (APA, 2014)

Além dos tipos apresentados, segundo o Manual de Diagnostico e Estatístico de Transtorno Mentais, o Transtorno do Espectro Autista também é dividido em níveis que são classificados em grau 1, 2 e 3.

- No nível 1 é o mais leve dos autismos, o sujeito tem dificuldade em iniciar um diálogo, mas não é limitante para interação sociais, problemas de organização e planejamento que impedem sua independência, e tem resistência em trocar de atividade. Necessita de pouco suporte.

-O nível 2 apresentam déficit nas habilidades sociais, na comunicação verbal e não verbal, tem dificuldade em se comunicar mesmo recebendo apoio, com respostas curtas, além de apresentar comportamento repetitivo e restrito. Necessitam de suporte.

-E o nível 3 esse é o mais severo, apresentam um grave déficit nas habilidades de comunicação verbal e não verbal. Ou seja, não consegue se comunicar sem contar com suporte, apresentam dificuldade nas interações sociais e tem cognição reduzida. Tendem ao isolamento social, se não estimulados. Necessitam de maior suporte.

É importante compreender que embora estejam estabelecidos na forma de (níveis 1, 2 e 3), ainda não está claro de fato o que e sob tais circunstância pode ser compreendido o significado de “suporte”. Pois algumas pessoas com TEA podem se desenvolver bem em casa, e na escola precisar de ajuda, e outras pessoas ao contrário.

A pessoa com espectro autista tem dificuldade em reconhecer e demonstrar expressões e sentimentos, tem dificuldade em colocar-se no lugar do outro, e não conseguem perceber seus comportamentos inadequados, têm dificuldade de lidar com mudanças, por isso é importante manter o seu mundo organizado e dentro da rotina. (APA, 2014)

Os Autistas de bom rendimento podem apresentar desempenho em determinadas áreas do conhecimento com características de genialidade, até mesmo com inteligência excepcional aos demais. Por isso que nesse caso o diagnóstico acaba em muitas vezes sendo errado, devido ao grau de autismo e algumas características não serem tão relevantes como outras mais conhecidas da doença.

Outra característica é no ritmo de desenvolvimento, o mais comum é o de examinar os dedos, caminhar na pontas dos pés, jogar-se para frente e para trás, há ninar-se, balançar (acompanhado de girar, rolar e bater a cabeça no chão), rolar e girar objetos. Na percepção a falhas na modulação de estímulos com distorção na categoria normal, há alternância em procura ou fugir do barulho.

Certos estímulos o apavoram, como o barulho do liquidificador, ou rasgar papel, enquanto outros sons, que seriam desagradáveis para crianças normais, como o arranhar da unha

em um quadro negro ou em uma lixa, são procurados com insistência. (SANTOS, 2008, p. 18-19).

A hiperatividade é muito frequente, mas pode desaparecer na adolescência e ser substituída pela inércia. A irritabilidade também é habitual e comumente é desencadeada pela dificuldade de expressão ou pela interferência nos rituais e rotinas próprias do indivíduo. O autista também pode desenvolver medos intensos que no decorrer vai causar fobias.

Compreender os diferentes tipos de autismo, se esses transtornos têm um diagnóstico oficial separado ou não, pode ser muito útil ao formar expectativas, projetando um plano de tratamento, e experimentar com estratégias comportamentais. Com todos os transtornos de espectro autismo, é importante procurar ajuda logo que suspeitar que algo não pode estar certo. Sendo ativamente envolvido no tratamento é a melhor coisa que pode-se fazer para ajudar a criança a superar alguns dos desafios de transtornos do espectro do autismo.

Ao diagnosticar o autismo os pais ou cuidadores devem procurar uma avaliação clínica que deve ser feita por uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, terapeuta ocupacional e fonoaudiólogo. Quanto mais precoce começar as intervenções, melhor o prognóstico. É importante procurar as terapias adequadas o quanto antes, porque o sistema nervoso poderá responder aos estímulos rapidamente.

Ainda não há possíveis causas do Transtorno de Espectro Autista, mas estudos vem sendo realizados para desvendar o autismo, acredita-se que o fator genético é o maior responsável pelo transtorno. A Escola de Medicina Mount Sinai, de Nova York, publicou em 2010, um estudo sobre o que causa autismo, divulgando uma lista de agentes que em contato com a mãe durante a gravidez, causariam TEA no feto que está se formando, medicamentos usados para tratamento de doenças como câncer, lúpus, tuberculose, epilepsia e transtorno bipolar, infecção por rubéola e por agrotóxico utilizado em alimentos para controle de pragas. Outros fatores ambientais estão sendo estudados, mas de fato não se sabe se esses agentes agem sozinhos ou são influenciados por outros.

Apesar de não existirem remédios específicos para tratar e curar o autismo, o médico poderá indicar medicamentos que podem combater sintomas relacionados ao autismo como agressão, hiperatividade, compulsividade e dificuldade para lidar com a frustração. Mas vale lembrar que ainda não existe um tratamento específico para o autismo, apenas alguns medicamentos que irão auxiliar e melhorar o seu comportamento.



## 1.1 A Inclusão Escolar do Autista

Ao falar em inclusão, precisa-se lembrar que só ocorre inclusão se o sujeito realmente receber apoio de uma equipe especializada para atender as suas necessidades, mas devido à grande carência de qualificação profissional para o diagnóstico e atendimento a criança com o transtorno de espectro autista, a escola passa por momentos de dificuldades e não consegue dar conta em suprir a necessidade do aluno.

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área. (SANTOS, 2008, p.9).

O mesmo autor afirma que a escola é o lugar em que a criança com autismo vai ter maior dificuldade em se adaptar às regras sociais, e que muitas vezes elas não estão preparadas para receber esse aluno.

A partir da inclusão no ensino comum, a convivência compartilhada oportuniza contatos sociais, favorecendo, assim, o desenvolvimento dessa criança. Sendo que o estímulo recebido pelo educando com o transtorno no ambiente escolar, no que se refere à socialização, é a base para o seu desenvolvimento, assim como para o de qualquer outra criança.

Ao pensar em inclusão escolar deve-se levar em consideração que as novas atitudes que permeiam o ambiente escolar, tendo como um dos pontos norteadores o acesso à educação para todos os indivíduos, independentes de este ser ou não público alvo da educação especial. E que a escola é que deve se ajustar para receber o aluno.

A inclusão escolar trás o pressuposto de que a escola é que tem que se ajustar aos educandos, ao invés destes se ajustarem àquela. O espaço de maneira flexível, a fim atender cada educando de forma particularizada. (PACHECO,2007, p.55).

Nessa perspectiva, entender a educação inclusiva como um processo que inclui de todas as pessoas, tendo por base a partilha de responsabilidades por todos os agentes da comunidade escolar, e não uma luta de reivindicações travada por alguns profissionais. Não é apenas o professor que transformará a escola em inclusiva, mas sim a união entre coordenadores, professores, demais

funcionários e família. A educação necessita reconhecer, em todos os seres humanos, a capacidade de evoluir. Compartilhando desse pensamento.

A educação, responsável pelo desenvolvimento psicológico dos indivíduos, por sua transformação e, conseqüentemente, por sua atuação no sentido de transformar a realidade em que estão inseridos, possui papel importante no desenvolvimento dos indivíduos. (SANTOS,2012, p. 47).

No que se diz respeito às crianças com transtorno do espectro autista, vale lembrar que existem uma variedade de manifestações do transtorno, por isso é importante que os profissionais da educação tenham acesso ao diagnóstico médico para que conheçam quais são as capacidades, comprometimentos e disfunções caracterizadas de cada um, necessita-se fazer uma avaliação caso a caso, pois nenhum autista é igual ao outro.

O desempenho escolar das crianças com autismo depende muito do seu nível de comprometimento do transtorno. As crianças com nível mais grave de autismo podem apresentar um atraso mental e permanecer dependente de ajuda. As crianças com autismo leve ou somente traços de autismo, na maioria das vezes, acompanham muito bem as aulas e os conteúdos didáticos- pedagógico. (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p.109)

Existem diversos tipos de autismo, seus comportamentos podem variar de acordo de um autista para outro, afetando conseqüentemente o processo de aprendizado, com isso há a necessidade de adaptações do trabalho pedagógico para o aluno. Conforme Santos “O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno”. (2008, p. 30), ou seja, os professores precisam ter paciência e perseverança com o aluno.

Embora muitas crianças com autismo vivem independentemente após terem atingido a idade adulta, algumas se tornem bem-sucedidas. Uma cultura autística desenvolveu-se, com alguns indivíduos que procuram uma cura e outros que acreditam o autismo devem ser aceito como uma diferença e não tratados como uma desordem.

A inclusão de uma criança autista na rede de ensino regular, é fundamental para que ela desenvolva as suas capacidades e habilidades criativas e está na Lei de Diretrizes e Base Nacional. Porém o desafio é fazer com que a escola se transforme em um espaço em que as diferenças sejam respeitadas.

## 1.2 Contribuição do Docente no Desenvolvimento do Aluno Autista.

Embora muito se fala em inclusão dos alunos com transtorno do espectro autista em classe comum do ensino regular, incluir não é uma tarefa muito fácil, constitui-se em progredir na construção de uma prática pedagógica que contemple as especificidades desse público. As escolas precisam atender os princípios constitucionais e proporcionar meios para uma educação de qualidade e respeitando as diferenças para todos os seus alunos.

Enfim o Transtorno do Espectro Autista é uma síndrome intrigante porque desafia nosso conhecimento sobre a natureza humana. Compreender o autista é abrir caminho para o entendimento do nosso próprio desenvolvimento, [...] é percorrer caminhos nem sempre equipados com mapas na mão, é falar e ouvir uma outra linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para nossos saberes e ignorância. Se a definição do autismo passa pela dificuldade de se colocar no ponto de vista afetiva do outro, é o mínimo curioso, pertencer a uma sociedade em que são raros os espaços na rua para as cadeiras de roda, poucas são as cadeiras escolares destinadas aos canhotos e bibliotecas equipadas para quem não pode usar os olhos para ler. Torna-se tão difícil identificar quem é ou não “autista”. (BAPTISTA, BOSA, 2002, p.203)

Na Lei de Diretrizes e Bases N°9.394/96 por sua vez, tem sido motivo de muita apreciação, pois reserva um capítulo exclusivo a Educação Especial. A presença dessa lei certamente reflete um certo crescimento da área em relação a educação geral, nos sistemas de ensino, principalmente nos últimos anos. Assim a Educação Especial aparece no texto compondo o capítulo V art. 58 entendidas com “[...] a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (BRASIL, 1996).

A inclusão dos alunos com deficiência nas escolas regulares é desafiadora e gera dúvidas para os pais, profissionais da educação e a própria sociedade. Por mais que se fale em direitos e deveres, a lei de inclusão do aluno com transtorno do espectro autista é recente de 27 de dezembro de 2012 Lei n° 12764 que prevê: Parágrafo único. Em caso de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comum de ensino regular, nos termos do inciso IV do artigo 2°, terá direito a acompanhante especializados. (BRASIL, 2012).

Destacar que esse profissional é de extrema importância para oferecer auxílio, tanto nas questões pedagógicas desses alunos, mas também suprir a necessidade de atenção individualizada, higiene pessoal e cuidados dependendo de cada caso. As crianças com autismo precisam de

orientação e apoio constantes para que possam participar de forma produtiva das brincadeiras e atividades em grupo.

Durante a fase de zero a dois anos, é importante o acompanhamento da criança com um fonoaudiólogo, pois isso ajudará a desenvolver a linguagem não-verbal. A estimulação pode ser feita através de jogos e brincadeiras, contação de histórias e conversas. Terapia Ocupacional e Psicologia Comportamental, também são relevantes na hora do tratamento, pois assim o cérebro do sujeito passa a perceber os estímulos sensoriais. Não há uma regra específica de tratamento, pois cada criança possui as suas particularidades, a equipe multidisciplinar decidirá qual o tipo de tratamento que deve ser abordado.

Os objetivos do tratamento são a redução dos déficits associados e tensão familiar, e aumento da qualidade de vida e da independência funcional. Não há um tratamento padrão que seja melhor do que os outros, na maioria das vezes o tratamento é ajustado às necessidades de cada paciente. Programas de educação especial intensiva e prolongada e terapia comportamental na primeira infância, ajudam a criança a adquirir habilidades sociais, de trabalho e cuidados próprios.

Dentre essas formas de tratamento, existem alguns tipos de métodos de intervenção, comprovados cientificamente, aos quais os profissionais acabam por se basear. No Brasil é utilizado o método de Ensino Estruturado (TEACHH), visando a independência e o aprendizado da criança, o TEACCH é estruturado para combinar diversas cores e materiais visuais em um único ambiente a fim de organizar a rotina e o sistema de trabalho empregado. Com o objetivo de suprir as necessidades do utilizando as melhores abordagens e métodos disponíveis. Este é um grande aliado do educador que busca eficiência e eficácia no processo de aprendizagem de seu aluno autista, pois trabalha com o autista e toda a sociedade que o envolve.

Outro método de estratégia educacional é o Análise Aplicada do Comportamento (ABA) utilizada pelos princípios do behaviorismo e que busca a compreensão do comportamento. O método observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem. Conforme Lima (2012) todos os comportamentos, de um modo geral, são aprendidos e, por conta disso, intencionalmente ensina a criança a exibir comportamentos mais adequados no lugar de comportamentos-problema, buscando sempre generalizá-los a novos ambientes e situações.

Há também o Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras (PECS), esse método de comunicação é realizado através de troca de figuras e ajuda não só os pacientes que possuem problema e/ou limitações na fala, mas também aqueles que sequer chegaram a desenvolvê-la.

Quanto aos recursos e materiais pedagógicos esses fazem parte da prática docente, cabe ao professor saber usar para maximizar a aprendizagem de seus alunos. É preciso que o professor atue como mediador entre o material e a criança, conduzindo-a a um processo de aprendizagem transformador e não limitador no educando com TEA.

É necessário que o educador tenha paciência e compreensão com o aluno autista para que ele consiga aprender, pois ele pode apresentar um olhar distante e não atender ao chamado e até mesmo demorar muito para aprender determinada conteúdo. Mas nada disso acontece porque a criança é desinteressada e sim porque o autismo compromete e retarda o processo de aprendizagem, ela precisa de muito elogio, motivação e carinho para desenvolver sua inteligência.

É importante a continuidade do ensino para uma criança autista, para que se torne menos dependente, mesmo que isto envolva várias tentativas, e ela não consiga aprender. É preciso atender prontamente toda vez que a criança autista solicitar e tentar o diálogo, a interação, quando ocorrer de chamar uma criança autista e ela não atender, é necessário ir até ela, pegar sua mão e levá-la para fazer o que foi solicitado. Toda vez que a criança conseguir realizar uma tarefa, ou falar uma palavra, ou enfim, mostrar progresso, é prudente reforçar com elogios. Quando se deseja que a criança olhe para o professor, segura-se delicadamente o rosto dela, direcionando-o para o rosto do professor. Pode-se falar com a criança, mesmo que seu olhar esteja distante, tendo como meta um desenvolvimento de uma relação baseada em controle, segurança, confiança e amor. (SANTOS, 2008, p.31-32).

Destacando-se que esse profissional é de extrema importância para oferecer auxílio, tanto nas questões pedagógicas desses estudantes, mas também para suprir a necessidade de atenção individualizada, higiene pessoal e cuidados dependendo de cada caso. As crianças com o transtorno do espectro autista precisam de orientações e ajuda para que possam participar de forma produtiva das brincadeiras e atividades em grupo.

Outro aspecto importante é que o professor necessita investir em conhecimentos acerca do assunto para que possa conhecer as reais dificuldades e as capacidades do seu aluno com o transtorno do espectro autista. A atual prática da inclusão nas escolas regulares exige uma nova postura dos profissionais da educação e mudanças na organização do trabalho pedagógico em função das especificidades de cada um.

Um planejamento direcionado, que leve em conta os potenciais e limites do aluno com autismo, permite ao professor promover uma aprendizagem significativa. O registro das informações sobre as habilidades do aluno, características, necessidades, interesses pessoais, desafios e avanços fornecerá subsídios para esse planejamento, como também para constantes ações e avaliações ao longo do processo ensino-aprendizagem.

Outro assunto que preocupa o professor, em relação ao autismo, é a questão da interação desse aluno com as outras crianças, uma vez que umas das grandes dificuldades para as pessoas com autismo é a socialização, em vários níveis de gravidade. A socialização traz inúmeros os benefícios com a interação entre crianças e adolescentes, com deficiências ou não, que partilham do mesmo espaço físico e de um processo pedagógico que propicia a troca e a cooperação. O apoio do professor é essencial para que esse aluno participe de forma produtiva. As músicas e brincadeiras são excelentes recursos para a aprendizagem das crianças com autismo.

As crianças com autismo ou síndrome de Asperger até tendem a se relacionar, mas, depois de constantes fracassos, tendem associar a vida em grupo com algo pouco prazeroso. Intermediando esse contato por meio de brincadeiras, jogos e atividades, o professor consegue incluir, verdadeiramente, essa criança no ambiente escolar. (SILVA, 2012, p.116).

O material pedagógico precisa ser apropriado para as pessoas com autismo, sendo, de preferência, concreto e bastante visual com figuras e gravuras associativas que ajudem o professor no proceder das explicações. O professor necessita estabelecer com o aluno uma relação de segurança e confiança, organizar uma rotina, pois o ambiente planejado e organizado trará mais tranquilidade e confiança, ter uma comunicação clara com o aluno, pois a pessoa com autismo possui compreensão literal do que é dito, a fixação do autista por determinados temas pode ser um aliado do professor e virar motivação para atividades escolares, incentivar a comunicação do aluno e respeitar as dificuldades do aluno com autismo, mas trabalhar a questão do respeito às regras e limites que são para todos os alunos.

Portanto, para que a inclusão dos alunos autistas aconteça na escola regular necessita-se de planejamento e ações criteriosas, visto que a mesma não trabalha apenas com um tipo de realidade, e sendo a partir dessa realidade contemplada pelo contexto em que a escola está inserida, que recebe o aluno autista e que ofereça uma orientação adequada, promovendo o suporte inclusivo indispensável à realidade individual de cada aluno atendido.

A sala de recursos atua dentro da escola inclusiva, é dever da mesma trabalhar o desenvolvimento das potencialidades dos alunos atendidos, ou seja, ela vem para somar com o ensino regular, não desenvolvendo atividades da sala regular, mas trabalhando as habilidades do educando.

Para o atendimento educacional especializado o trabalhado nas salas de recursos tem um papel fundamental na tarefa de incluir, pois, tal atendimento não pode ser feito isoladamente da sala

comum, limitado em salas que afastam durante todo o tempo dos demais alunos, pois o AEE deve ser oferecido como forma complementar ao ensino comum.

Embora o processo de inclusão dos alunos com transtorno do espectro autista em classes comuns da rede regular de ensino não seja uma tarefa fácil, é necessário construir avanços nas práticas pedagógicas que contemple as especificidades desse público e que, de fato, torne a realidade das escolas um espaço de educação para todos. Cada caso é um caso e sempre deve ser avaliado o melhor para o aluno. É importante que cada profissional da educação tenha plena convicção de seu papel na busca do respeito às diferenças e de uma sociedade mais justa e humana.

Portanto, incluir é muito mais que receber, pois até para receber é necessário um devido preparo, além da estrutura escolar adequada, é de suma importância o posicionamento que oferece auxílio da comunidade escolar, sabendo que é esse que vai favorecer como suporte principal para cada passo da inclusão.

## **2 CONHECENDO A REALIDADE DA INCLUSÃO NA ESCOLA**

A inclusão está presente no ensino regular é uma realidade em muitas escolas, neste sentido buscou-se conhecer como que acontece a inclusão do aluno com Transtorno de Espectro Autista na escola, a visão do professor do ensino regular sobre a inclusão e como o aluno se desenvolve no âmbito escolar.

A pesquisa de campo realizou-se no município de Capanema no Colégio Estadual Santa Cruz nas turmas de Ensino Fundamental. Observando-se como se desenvolve o trabalho do professor acompanhante do aluno com transtorno de espectro autista, quais metodologias são utilizadas para ajudar o aluno a aprender, e quais as dificuldades enfrentadas pelo professor no seu dia a dia. E por fim compreender como que acontece a inclusão na escola regular, a importância do professor de apoio para o pleno desenvolvimento do aluno, e as dificuldades enfrentadas pelo docente.

O aluno observado é do 6º ano, com idade de 12 anos, com a Transtorno de Espectro Autista de grau 1, ele é um menino muito inteligente e simpático, não possui atraso no desenvolvimento da fala, adora desenhar e pintar, não gosta de Português e Matemática, uma das grandes dificuldades para ele é a sensibilidade ao barulho, irritando-se facilmente, alterando o seu comportamento.

Algumas crianças, apesar de autistas, apresentam inteligência e fala intactas, outras apresentam sérios problemas no desenvolvimento da linguagem. Alguns parecem fechados e distantes, outros presos a rígidos e restritos padrões de comportamento. Os diversos modos de manifestação do autismo também são designados de espectro autista, indicando uma gama de possibilidades dos sintomas que apresenta níveis e graus variados dos sintomas autísticos. (FONSECA, 2014, p.30).

Ao acompanhar o aluno, pode-se observar que é um menino muito dedicado, participa das aulas, faz suas contribuições com o professor, mas têm algumas limitações, como na aula de Educação Física ele participa, mas tem dificuldade na coordenação motora, pois não consegue receber a bola e passar para o colega. Isso acaba deixando-o irritado, levando-o a se isolar dos demais amigos. A professora de apoio e o professor do regular conversam com o aluno para voltar a jogar, incluem ele novamente no jogo, mas, logo o menino fica desanimado e volta a sentar-se isolando-se da turma.

Para que a mediação educativa aconteça é preciso que o educador conheça os aspectos do transtorno, assim como os métodos e programas desenvolvidos para auxiliá-lo na educação do aluno autista. O professor pode estabelecer também acordos para que haja um consenso entre eles, restabelecendo o processo de adequação da sociedade às necessidades de seus participantes, para que eles, uma vez incluídos, possam desenvolver-se e exercerem plenamente sua cidadania.

Outro ponto importante para ressaltar é a resistência que o aluno tem em fazer ou refazer uma atividade, fica impaciente, muitas vezes quer que o professor de apoio faça os exercícios para ele, espera a resposta pronta e quando faz, tem resistência em mudar a resposta.

A educação mediática é importante para o desenvolvimento do aluno, pois, é um agente participante ativo em seu processo de aprendizagem e, por esta medida, o professor deve incentivar seu aluno de forma adequada, influenciando-o a explorar espontaneamente para adquirir informação, aprender e formar conhecimento. “A abordagem cognitiva de alunos com dificuldades comportamentais, emocionais e sociais, são levados em consideração como uma tentativa de explicação para as dificuldades e uma forma de lidar com elas”. (FARREL, 2008, p. 38).

Nesta perspectiva é de suma importância que o professor de apoio tenha uma base que lhe direcione sobre como trabalhar com o aluno e quais os pontos pode priorizar. A escola orienta os professores de apoio a seguirem as recomendações da sala de recurso multifuncional do atendimento especializado.

A inclusão do aluno na escola regular conta ainda com o apoio da sala de recurso, o aluno tem duas vezes por semana o contra turno que ajudará a superar as dificuldades, sendo que o



professor da Sala de Recurso Multifuncional trabalhara interpretação de texto, a escrita e oralidade e conteúdo de Matemática, utilizando-se de metodologias diferenciadas para a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante. Portanto, a Sala de Recursos Multifuncional também é de grande importância, porém, não se deve abandonar o convívio social na sala de ensino regular, pois inclusão é socialização e ambas trabalham conjuntamente para que o processo inclusivo se desenvolva.

Outro fator importante para que a inclusão do aluno autista seja um sucesso, segundo a professora de apoio, é a participação da família na escola, pois, a escola e a família constroem juntas uma ponte que ajudara o aluno a se desenvolver e ser mais dependente. A professora e a família se comunicam através de uma agenda, onde a ela anota como que foi o comportamento do aluno e as tarefas que ele deverá desenvolver em casa.

Desta maneira, compreender o universo em que a criança está inserida é uma forma de entender como ela responde as situações que incidem sobre o seu dia a dia. Podendo, portanto, chegar a uma proposta educativa a alunos que apresentam desajustes comportamentais apenas compreendendo como ela percebe determinada situação

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo sobre o Transtorno de Espectro Autista possibilitou-me conhecer um pouco sobre como é que acontece a inclusão na escola e ter um melhor entendimento desde sua história até as características do comportamento do sujeito autista, visto que, é um transtorno que abrange complexidade em todos os âmbitos sociais, principalmente no âmbito escolar.

Embora a inclusão de crianças que apresentam “Transtorno do Espectro Autista” nas escolas de ensino regular é uma conquista assegurada por lei, visto que, de acordo com a pesquisa bibliográfica o convívio social contribuiu para o desenvolvimento do autista. A inclusão de alunos autistas na escola regular da rede pública é um grande desafio, pois para que a inclusão seja uma realidade é necessário à preparação dos docentes e de todo corpo escolar.

A relação família-escola é importantíssima para o trabalho inclusivo, pois através de tal relacionamento é possível promover qualidade na inclusão, pois a comunicação da família junto à

escola vem só a contribuir, contribuindo assim para o processo social dentro desses dois ambientes conjuntamente. A inclusão é um processo que envolve família, escola e comunidade escolar.

De acordo com a pesquisa bibliográfica o “Transtorno do Espectro Autista” pode ser apresentado em graus de comprometimento, portanto o que um apresenta em sua característica não é apresentado da mesma forma em outro, sendo assim a individualidade peculiar de cada criança deve ser considerada.

É importante que o professor tenha um olhar atento ao comportamento do aluno autista para que saiba quando algum estímulo está sendo positivo ou negativo, visto que é a partir de tal observação que o profissional poderá intervir da melhor maneira possível.

Desta forma, abordar o tema da inclusão do aluno autista na escola regular possibilitou conhecer um pouco da realidade escolar, e um olhar mais amplo sobre o processo de inclusão dos autistas na escola regular pública, os pontos que já fazem parte da realidade escolar e os pontos que podem melhorar com o empenho dos educadores, visto que a formação e busca por novos conhecimentos para a prática pedagógica nunca terminam, e compreendendo que, ambos os pontos contribuem para o processo inclusivo. Tal tema é abordado como uma forma de contribuir para processo inclusivo dos interessados pelo estudo do mesmo e principalmente para a escola pesquisada, visto que é uma escola Santa Cruz é competente, empenhada e comprometida com a educação.

#### 4 REFERÊNCIAS

APA (American Psychiatric Association). **Transtornos mentais**. DSM-V. I. Manual diagnóstico e estatísticos de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAUJO, Á. C.; LOTUFO, F. **A nova classificação americana para os transtornos mentais: o DSM-5**, Rev. bras. ter. comport. cogn. São Paulo, v. 16 n.1, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/viewFile/659/406>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

BAPTISTA, C. R., **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: editora Artmed, 2002.

BRASIL, **Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista: e altera o parágrafo do art. 98 da lei nº 8.112, 11 de dezembro de 1990.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394/96. Brasília: 1996.

CAMARGOS Jr, W. et al. **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio**. Brasília: Corde, 2005. p.260. Disponível em [www.fcee.sc.gov.br/](http://www.fcee.sc.gov.br/). Acesso em 01 de maio de 2018.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

DSM- V: **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 2002.

FARRELL, M. **Dificuldades de relacionamento pessoal, social e emocional**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FONSECA, B. **Mediação escolar e autismo: a prática pedagógica intermediada na sala de aula**. RJ: Editora Wak, 2014.

LIMA, C. B. **Perturbações do espectro do autismo**. Manual prático para intervenção. Lisboa: Lidel, 2012

PACHECO, J. et al. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, A. M. T. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SILVA, A. B. B., GAIATO, M. B., REVELES, L. T. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, E. C. S. **A prática pedagógica dos professores de alunos com autismo**. In: Anais... IV Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE), São Carlos, 2012.